

HISTÓRIA ORAL COMO
METODOLOGIA NO ESTUDO DE
CULTURAS DE ORIGEM AFRICANAS:
A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
SANTO ANTÔNIO DE PINHEIROS
ALTOS, PIRANGA MG

DANIELLY MEIRELES DIAS
Universidade Federal de Viçosa
danymdias96@gmail.com

RESUMO

O advento das novas tecnologias popularizou o uso das entrevistas que impulsionou o desenvolvimento da metodologia de pesquisa por meio da história oral. O uso de tal meio como metodologia de pesquisa trouxe novas dimensões para o debate historiográfico e foi possível ao historiador trazer novos pontos de vista sobre o objeto de pesquisa e 'dar voz' a outros povos, antes silenciados, pela até então dita história oficial. O objetivo deste artigo é mostrar as contribuições do uso da história oral como metodologia de pesquisa no estudo de culturas africanas. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma revisão bibliográfica sobre os conceitos que envolvem a temática, demonstrando o papel que a oralidade desempenha nas culturas africanas e como contribui para o estudo dessas. Para exemplificar esta proposta, foram analisadas pesquisas realizadas sobre a Comunidade Quilombola de Santo Antonio de Pinheiros Altos em Piranga, MG.

Palavras-chave: História cultural. História oral. Culturas africanas. Metodologia.

Recebido em 13 de fevereiro de 2021.

Aprovado em 5 de abril de 2021.

ORAL HISTORY AS A
METHODOLOGY IN THE STUDY OF
CULTURES OF AFRICAN ORIGIN:
THE QUILOMBOLA COMMUNITY
OF SANTO ANTÔNIO DE
PINHEIROS ALTOS, PIRANGA MG

DANIELLY MEIRELES DIAS
Universidade Federal de Viçosa
danymdias96@gmail.com

ABSTRACT

With the advent of new technologies, the use of interviews became popular, which boosted the development of the research methodology through oral history. The use of oral history as a research methodology brought new dimensions to the historiographic debate, it was possible for the historian to bring new points of view on the object of research and to 'give voice' to other peoples previously silenced by the so-called official history. The purpose of this article is to show the contributions of using Oral History as a research methodology in the study of African cultures. From a methodological point of view, it is a bibliographic review on the concepts that involve the theme, demonstrating the role that orality plays in African cultures and how it contributes to their study. To exemplify this proposal, research on the Quilombola Community of Santo Antonio de Pinheiros Altos in Piranga MG was analyzed.

Keywords: Cultural history. Oral history. African cultures. Methodology.

INTRODUÇÃO

A história não é algo estático, que é sempre feita do mesmo modo. Ela passa a todo o momento por mudanças e aperfeiçoamentos nos modos de fazer. A historiografia já passou por diversas escolas historiográficas, dentre elas as correntes do positivismo, marxismo, Escolas dos Annales, história cultural, pós-modernista, entre outras, mas nunca deixou de ser a relação entre o homem e sua ação no tempo e no espaço.

No século XX, a história deixou de ser algo ligado apenas a um passado muito distante, para ser também a história do tempo presente que pode interessar qualquer um, visto que todos são agentes históricos e produzem história pelo simples fato de existirem. A história cultural passou a se interessar pelas minorias, pela diversidade e por aquilo que até então era desconhecido da história oficial. Por meio da história oral, tornou-se possível fazer essa história do tempo presente com agentes que vivenciaram os eventos e que são capazes de narrar suas experiências.

Ainda que seus termos não estejam totalmente estabelecidos, a história oral tem sido discutida frequentemente, sendo necessário que os historiadores oralistas especifiquem os conceitos. Por esse motivo, questões teóricas e metodológicas têm surgido a todo o momento evocando conceitos como o de cultura, identidade, memória, imaginário e etc. Levando em consideração o exposto acima, este artigo pretende realizar uma breve análise do que é essa história oral, destacando sua origem e definições, analisando-a como uma metodologia de pesquisa.

O intuito não é apenas realizar uma revisão sobre a história oral, mas demonstrar como ela pode ser utilizada como uma metodologia eficaz no estudo de culturas africanas, visto que durante anos elas foram marginalizadas pela história dita oficial. Para isso foi necessário o estudo da oralidade e do papel que ela exerce para os povos de culturas africanas. Além disso, para exemplificar como pode ser feito o uso dessa metodologia e os resultados que podem ser alcançados, foi utilizado o exemplo da comunidade quilombola do Santo Antônio de Pinheiros Altos¹, analisando como a oralidade desempenha um papel importante na propagação da cultura e da história dessas pessoas.

HISTÓRIA ORAL: ORIGEM, DEFINIÇÃO E SUA UTILIZAÇÃO COMO METODOLOGIA DE PESQUISA

Na primeira metade do século XIX, a historiografia preocupava-se com as histórias nacionais, com os heróis e com seus grandes feitos. Sabe-se que durante a formação dos Estados nacionais era necessário criar e estimular o surgimento da identidade nacional para legitimar e reforçar esses estados. Porém, com o avanço da historiografia e dos modos de “fazer história”, outros historiadores vão surgindo com uma nova postura de trabalhar a história, pensando não apenas em temas referentes à nação, mas sim como aborda Pesavento (2005), pensando em temas e problemas pertinentes ao imaginário, como forma de construção da realidade histórica.

Durante o século XX, a história passou por uma abertura para outras ciências como

¹ Localizada em Piranga MG, com data do processo iniciada em 03/06/2008 e atualmente certificada pela Fundação Palmares. Informação disponível em <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/COMUNIDADES-CERTIFICADAS.pdf>

a antropologia, a arqueologia, a sociologia, entre outras, o que possibilitou um caráter interdisciplinar, acarretando mudanças significativas do historiador em relação ao passado. Deste modo, os historiadores viram-se forçados a reconsiderar novos conceitos e novas fontes, além das predominantemente documentais. A história cultural passou a ganhar força no meio científico sendo vista, atualmente, como objeto de investigação. O advento das novas tecnologias popularizou o uso das entrevistas, o que impulsionou o desenvolvimento da metodologia de pesquisa por meio da história oral e trouxe discussões acerca da subjetividade. O uso de tal meio como metodologia de pesquisa trouxe novas dimensões para o debate historiográfico e foi possível ao historiador trazer novos pontos de vista sobre o objeto e de certa forma dar voz a outros povos antes marginalizados pela história oficial.

Segundo Philippe Joutard (1996, p. 43-62), a história cultural pode ser classificada em gerações, mais precisamente em quatro gerações: a primeira originária nos anos de 1950, a qual teria como função recolher materiais para que os historiadores pudessem utilizar no futuro; a segunda, datada em 1960, entende a oralidade como aquela que é capaz de dar voz aos excluídos, ou seja, demonstrar aquilo que os documentos da história tradicional não se preocuparam em registrar, a história oral como disciplina; a terceira, dos anos 1970, viu-se na história oral um meio de estudar as classes populares, como uma metodologia de pesquisa. Já a quarta geração, dos anos de 1990, foi influenciada pelos movimentos pós-modernistas, valorizando-se a subjetividade.

Mas não basta apenas traçar a trajetória deste modelo de história sem definir o que é história oral. É importante salientar que é uma história do tempo presente, a qual se dá pela percepção do passado como algo que tem certa continuidade no tempo presente, ou seja, que o processo histórico não está acabado. Isso faz com que os leitores possam entender e sentir-se parte do contexto vivente. Diferente da história oficial, ela não é feita apenas de documentação escrita, mas também pela captação de experiências de pessoas do mais variados públicos. Independente das classes sociais são pessoas que estão dispostas a falar sobre aspectos pessoais de suas vidas particulares, mantendo um compromisso com o contexto social.

Portanto, a base da história oral é a oralidade, o depoimento gravado, a relação entre entrevistador e entrevistado. Paul Thompson, em seu livro *A voz do passado*, afirma que “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas.” (THOMPSON, 1998, p. 337). Porém, o autor alerta que nenhuma fonte está livre da subjetividade de sua origem. Apesar disso ele afirma que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, [...] transformando os objetos de estudo em sujeitos” (THOMPSON, 1998, p. 136).

Outra discussão existente acerca da história oral são as maneiras distintas na qual ela é concebida. Alguns estudiosos a considera como uma técnica que tem como objetivo principal a conservação das experiências por meio das gravações e por este motivo, não a consideram como uma disciplina. Entretanto, há pesquisadores que consideram sim a história oral como uma disciplina. A discussão está em torno do fato de que as “técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos surgiram por meio da história oral”, como afirma Amado e Ferreira (2006, p.13).

É problemático defini-la apenas como uma disciplina, visto que ela possui um caráter

muito mais abrangente do que disciplinar e, por este motivo, ela deveria ser compreendida também como uma metodologia, levando em consideração que:

A história oral, como todas as metodologias [...] estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho –, funcionando como ponte entre teoria e prática. (AMADO e FERREIRA, 2006, p. 16).

Deste modo, fica evidente a abrangência da história oral, visto que além de se configurar como uma técnica, ela também pode ser entendida como metodologia e disciplina. Esse seu caráter abrangente e interdisciplinar deixa explícito a sua importância para as ciências humanas e sociais. Como procedimento metodológico, a história oral pode ser entendida como:

(...) um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

A história oral não deve ser confundida com oralidade, tradição oral, por mais que possua uma relação estreita.. É importante pensar em uma considerando a outra e se faz necessário considerar os pressupostos de ambas para haver uma melhor compreensão. A tradição oral está presente na vida de todos e, em algumas culturas, possui um significado muito importante. Um exemplo seriam os países africanos, nos quais a tradição oral é muito marcante na preservação de conhecimentos, nos mitos, tradições, culturas e etc, como veremos adiante.

A TRADIÇÃO ORAL NAS CULTURAS AFRICANAS: COMO A HISTÓRIA ORAL CONTRIBUI PARA O ESTUDO DESTAS CULTURAS

Durante o século XIX, com as correntes do positivismo, sagrou-se este modelo científico como o único confiável de se fazer ciência. Deste modo, houve um exagero extremo na busca por verdades: os intelectuais vislumbravam o fazer história somente a partir de documentos escritos oficiais, considerando que apenas esses guardariam a verdade absoluta. Por este motivo, muitos estudiosos declararam que a África não possuía história. Por ter pouca documentação escrita afirmavam que havia “apenas evoluções sem sentido de tribos bárbaras”, mas em oposição a essa afirmativa alguns pesquisadores declaravam que mesmo com a ausência de documentos escritos as tradições orais eram capazes de contribuir para a construção desta história (PRINS, 1992, p. 165).

Já no século XX, com a Nova História, que se via livre dessa rigidez, tornou-se foco de investigação a história do tempo presente, a vida cotidiana e a experiência individual ou de grupos invisibilizados. Os temas acerca da memória e da cultura tornaram-se um desafio e um combustível para novas pesquisas, considerando a oralidade como algo também de relevância a ser estudada. Assim, novos grupos sociais se transformaram em objetos de pesquisa. Dentre eles, pode-se destacar os povos de origem africana que possuem uma forte relação com a

oralidade.

É importante salientar que “a oralidade é uma atitude diante a realidade e não uma ausência de uma habilidade” (VANSINA, 1982, p. 140). Seria errôneo pensar que esses povos são ricos em oralidade por não serem capazes de escrever, ou por não possuir esse tipo de habilidade.

Para os povos africanos, a fala é algo muito importante, pois vai além do simples fato de poder se comunicar. Representa também um dom divino, a materialização das forças representativas de tudo que existe no universo (HAMPATÉ BÂ, 1982). Devido a essa importância dada à oralidade e à tradição oral, os tradicionalistas eram responsáveis por serem os guardiões dos segredos e por terem uma excelente memória. Essas pessoas eram detentoras dos conhecimentos e saberes, na tentativa de não deixar que a história se perdesse ou fosse esquecida, passando esses conhecimentos de geração em geração. Hampaté Bâ afirma que:

Se não nos apressarmos em reunir seus testemunhos e ensinamentos, todo o patrimônio cultural e espiritual de um povo cairá no esquecimento juntamente com eles, e uma geração jovem sem raízes abandonada à própria sorte. (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 189).

Como fica evidente, a tradição oral faz parte da cultura africana, visto que ela é responsável por transmitir ensinamentos e por manter viva a ligação desses povos com o passado e com seus antepassados. Como afirma Vansina, “A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra.” (VANSINA, 1982, p.140.). Deste modo, a tradição oral apresenta grandes potencialidades que podem contribuir para a pesquisa acerca desses povos. Mas é pertinente salientar que a África é um continente de grandes riquezas e tal fato pode acabar gerando equívocos a muitos pesquisadores caso não se atentem a esta imensidão e caiem no erro de generalizar.

Apesar de todo o avanço da ciência, a história do continente ainda é pouco conhecida, devido ao lugar secundário que foi dedicado à história africana dentro da história da humanidade. A África foi retratada por uma visão generalizada como uma região onde se reproduz dor e sofrimento, causados pela escravidão, pela pobreza, com uma população carente e vulgar, que possui poucos conhecimentos e pobre em cultura. Como salienta Achille Mbembe (2014), não devemos propagar essa visão de mundo de que a colonização contribuiu para a modernização das sociedades primitivas. É claro que esta é uma visão extremamente ocidentalizada, onde os padrões ideais de avanço são os europeus.

Todavia a ausência de fontes escritas não pode justificar a afirmativa que a África não tem história, a oralidade refuta está afirmativa. Estudá-la a partir das narrativas orais torna possível realizar pesquisas mais profundas que consigam visualizar as diversidades e o legado cultural deste continente, e assim viabilizar um conhecimento mais acentuado acerca da África para o restante do mundo, o fato é que:

Aceitar os registros orais certamente facilita e viabiliza a pesquisa, até porque os africanos se valem da memória para transmitir o seu histórico e é justamente a memória que revela suas trajetórias. (FILHO; ALVES, 2017, p.53).

A descrença na oralidade é um dos principais empecilhos para a compreensão da história da África e de povos de origem africana. A supervalorização da escrita motivou

durante anos o não reconhecimento dos registros orais, os quais o continente africano fez seu legado. Atualmente, isso vem mudando e a história não precisa mais ser feita apenas pela escrita, podendo ser feita também de fotografias, objetos, músicas, e por tudo aquilo que ajude a contar uma história, como a oralidade. Assim, optar pela metodologia da história oral possibilita reconstruir, através dos depoentes da memória, aspectos culturais e experiências de vida que até então eram marginalizadas. Mais do que fontes informativas sobre a história dos povos africanos, a oralidade revela muito da relação existente entre seus autores e o conhecimento histórico (Bà, 1973).

Fato é que não só para os países africanos, onde a fala é compreendida como a memória viva, mas também no Brasil, a oralidade se tornou muito importante no processo de estudo e aprendizado acerca das culturas afro brasileiras. A fonte oral, por mais que não traga dados precisos, pode contribuir com dados que não estão escritos nos documentos e se torna primordial no estudo do tempo presente, cabendo ao historiador submetê-la a uma reflexão crítica e metodológica. Por mais que haja críticas acerca da confiabilidade dessas fontes, é preciso salientar que nem mesmo as fontes escritas estão livres da subjetividade. Como afirma Thompson, “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, [...] transformando os objetos de estudo em sujeitos” (THOMPSON, 1992, p. 136).

Como já exposto, a oralidade pode contribuir para as pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais, devido a sua capacidade de “ouvir” a todos. O importante é que o pesquisador saiba interpretar de forma crítica o que lhe é dito e, ao decorrer da pesquisa, realize um diálogo paralelo entre a fonte oral e a documentação já escrita existente. Como exemplo do que foi discutido até aqui, analisei produções acadêmicas existentes acerca das comunidades quilombolas de Piranga, mais precisamente sobre a Comunidade Quilombola de Santo Antônio de Pinheiros Altos. Dentre elas destaca-se o pesquisador Ícaro Trindade Carvalho², com sua dissertação³ intitulada O quilombo de Santo Antônio de Pinheiros Altos: Entre o processo de reconhecimento e a construção cultural, e a dissertação de mestrado intitulada Entre a colher e a enxada: Interfaces entre a alimentação e a cultura dos quilombolas de Piranga⁴, da pesquisadora Alexandra dos Santos⁵, as quais foram abordadas adiante no artigo.

O EXEMPLO: O USO DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL NAS PESQUISAS SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SANTO ANTÔNIO DO PINHEIROS ALTOS EM PIRANGA MG

Piranga é uma cidade localizada no interior de Minas Gerais e possui traços típicos das pequenas cidades mineiras, com suas construções, tradições e sua população que compõe o rico Patrimônio cultural da cidade. Seu nome de origem Tupi, possui o significado de barro

2 Graduado em História pela Universidade Federal de Viçosa (2005) e mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (2009).

3 Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós- Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*. 2009.

4 Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós- Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*. 2009.

5 Doutora em Ciências Sociais, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2016), possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (1998) e mestrado em Extensão Rural, pela Universidade Federal de Viçosa (2009)

vermelho, característica marcante das estradas de todo o município. Segundo os dados do IBGE, inicialmente a região era povoada por índios pertencentes a tribos que ainda hoje não foram totalmente identificadas devido à falta de achados arqueológicos ou documentais que comprovem a etnia. Acredita-se que sejam os carijós⁶. O que se sabe com precisão é sobre a presença de negros escravizados na região, visto que a Zona da Mata Mineira teve um papel expressivo para o tráfico de escravos no período colonial em detrimento da mineração e da agricultura.

Atualmente, a cidade possui uma quantidade indeterminada, porém considerável de comunidades negras, em sua maioria na zona rural. Por se tratar de um município consideravelmente extenso, territorialmente⁷, essas comunidades se encontram distribuídas por todo o território. Dentre essas comunidades, três foram identificadas como comunidades remanescentes quilombolas pelos órgãos governamentais responsáveis. São elas as comunidades de Bacalhau, Guiné e Santo Antônio de Pinheiros Altos. Porém apenas duas possuem certidão de autorreconhecimento proferida pela Fundação Cultural Palmares⁸ e recebem o nome de Comunidade quilombola de Santo Antônio de Pinheiros Altos (2008) e Comunidade Quilombola de Santo Antônio do Guiné (2009).

Fica evidente no excerto acima que as comunidades quilombolas da cidade foram certificadas em uma data consideravelmente recente. Muitos moradores da cidade sequer sabem da existência dessa certificação ou o que ela significa. Para a maioria dos piranguenses, as comunidades são apenas mais uma entre tantas comunidades rurais da região. As informações não são apresentadas para a população e também não são difundidas nas escolas. Conseqüentemente, as pessoas crescem, muitas vezes, sem conhecerem sua própria história, ou sem saberem a importância da mesma. Porém, os moradores dessas comunidades, por meio da tradição oral, aprendem histórias sobre seus antepassados que são contadas pelos seus familiares mais velhos.

Uma realidade no Brasil é a de que a cultura não é vista como uma prioridade para os gestores políticos. Tal fato reflete nessas comunidades, que na grande maioria, é composta por uma população mais humilde, que não faz parte da elite branca brasileira. José Carlos Durand afirma que “Ainda não se tem com exatidão o número de prefeituras que possuem secretarias de cultura e em quantas os assuntos culturais são tratados por secretarias de educação, esportes e turismo, etc.” (DURAND, 2001, p. 67)

Apesar de ter uma secretaria de cultura, a citação acima é uma realidade no município de Piranga, como também em vários outros do país, pois se percebe que o setor público, em sua grande maioria, não dispõe de mão de obra capacitada para gerir essas questões culturais, o que ocasiona na contratação de funcionários não especializados na área ou na contratação do serviço do setor privado. Apesar de possuir uma secretaria de cultura, o município ainda deixa muito a desejar nesse setor.

Atualmente, há poucas pesquisas realizadas acerca do município, principalmente na área de história e cultura. O material existente está pautado em monografias e dissertações de mestrado e doutorado realizadas por moradores ou por pessoas que possuem algum elo com

6 Informação disponível em: www.ibge.org.br. Acesso 10 de fevereiro de 2021.

7 Área da unidade territorial de 658,812 Km². Informação disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piranga/panorama>. Acesso 10 de fevereiro de 2021.

8 Informação disponível em: www.palmares.gov.br. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

a cidade. Sabe-se que as esferas políticas não incentivam e nem dão o suporte necessário para que essa realidade mude, mas apesar de tudo, caminhamos a passos lentos para tentar mudar essa realidade.

Por se tratar de uma cidade pequena do interior e que não é conhecida pela história geral, sua história acaba se perdendo no meio de tantas outras e vista apenas pelo viés da mineração e da agricultura. Piranga é considerada uma das cidades mais antigas do estado. De acordo com o códice Matoso⁹, a região começou a ser explorada em 1691. Foi durante muitos anos pertencendo à cidade de Mariana que a região foi elevada à categoria de cidade apenas em 1870, mas mesmo assim não perdeu seu vínculo com Mariana e Ouro Preto.

Por pertencer a Mariana durante tantos anos, grande parte da documentação referente a Piranga encontra-se ainda hoje ali. A pouca documentação de que se tem conhecimento está na sua maioria nos arquivos da arquidiocese da cidade. Por haver pouco material escrito, a realização de pesquisas sobre o município é dificultada, visto que sem um ponto de partida torna ainda mais desafiador o trabalho do pesquisador. Porém, apesar dos desafios, a história oral possibilita que essas pesquisas sejam realizadas, por meio da metodologia que trabalha as fontes escritas em contato com as fontes orais. Com o auxílio de ambas, é possível adquirir um amplo material para embasar tais estudos.

Segundo os relatos dos moradores da Comunidade Quilombola de Santo Antônio de Pinheiros Altos, a comunidade teria tido seu início com uma senhora chamada Dona Tataia, que teria comprado muitas terras na região e permitido que escravos fugidos trabalhassem em suas terras. Segundo a história oral local, ela mudou-se daquela região deixando todas suas terras para os seus escravos, que se tornaram ex-escravos e os primeiros fundadores da comunidade em questão¹⁰. Essa história da origem é a que se perpetua de geração em geração desde o século XIX.

Tanto o pesquisador Ícaro Carvalho (op.cit.) quanto Alexandra Santos (op.cit.) utilizaram-se das entrevistas e do trabalho de campo para recolher informações acerca dos seus objetos de pesquisa. Os pesquisadores utilizaram não apenas a documentação escrita “oficial”, como também da metodologia de história oral, entrevistando os moradores da comunidade quilombola, articulando suas falas com as informações escritas em documentos da época, dando voz a um povo que antes não tinha esse espaço de fala. Assim, demonstraram a eles que suas histórias também importam e que o passado doloroso referente à escravidão ao qual estão ligados pela sua ancestralidade não é a única marca de seu passado. A história oral local possibilita não apenas a pesquisa, mas também um sentimento de pertencimento dos moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aborda Nila Barbosa (2018), durante muitos anos o negro foi tratado como inferior. Os setores responsáveis por perpetuar a história e a cultura atuavam no sentido de infundir nas mentalidades coletivas a imagem do negro como o outro e deste modo, foram

9 MATOSO, Caetano da; FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Veronica. **Códice Costa Matoso**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999.

10 Estas informações foram retiradas do que consta no processo de reconhecimento feito pela EMATER. E podem ser encontradas também na dissertação do Ícaro Carvalho, 2009.

marginalizados pela história oficial. Por não poder negar a existência desses povos e de suas manifestações culturais, eles foram incorporados às culturas nacionais brasileiras pelo viés do fetiche, do exótico e folclórico.

Apesar de ter se passado muitos anos, ainda hoje é possível visualizar tais pensamentos. Como foi mencionado anteriormente, setores culturais são priorizados em detrimento de outros. Em Piranga não é diferente: a cidade ainda deixa muito a desejar no setor cultural, carece de dar espaço a outras manifestações culturais além das católicas ou de origem europeia branca. É preciso não se apegar apenas à história da mineração, dos grandes coronéis donos de vastas terras e da batalha da Guerra dos emboabas, mas também valorizar e dar visibilidade aos povos que trabalharam e que tiveram suas forças exploradas em detrimentos desta terra.

Ficou evidente que, apesar de não se ter conhecimento de muitas fontes documentais acerca da cidade e de todo seu processo histórico, não é impossível o trabalho do historiador acerca desse tema. Com metodologias adequadas, disposição e muita pesquisa, há grandes chances de se conseguir informações preciosas, além de contribuir dando espaço para que essas pessoas possam falar, relatando suas experiências, sua história de vida e de sua gente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- BÂ, Amadou Hampâté. **A palavra, memória viva na África**. Correio da UNESCO: África e sua História, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 1973
- BARBOSA, Nila Rodrigues. **Museus e Etnicidade: o negro no pensamento museal brasileiro**. Curitiba: Appris Editora, 2018.
- DURAND, José Carlos. **Cultura como objeto de políticas públicas**. In: São Paulo em Perspectiva. São Paulo, 15(2): 66-72, abril / junho de 2001.
- SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco dos; ALVES, Janaína Bastos. **A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra**. Revista da ABPN. v. 9, Ed. Especial - Caderno Temático: Saberes Tradicionais. Dezembro de 2017, p.50-76
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167- 212.
- JOUTARD, Philippe. **História Oral: BalaNço da Metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 43-62.
- MBEMBE, Achille. **A sociedade francesa: proximidade sem reciprocidade**. In. Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019.
- PESAVENTO, Sandra Jatapy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PRINS, Gwyn. **História oral**. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. 354 p.
- THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- THOMSON, Alistair. **Histórias (co)movedoras: História oral e estudos de migração**. Brasil e História. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.
- VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**. In KI-ZERBO, J (org.). História Geral da África: Metodologia e pré-história da África. Tomo I, São Paulo, UNESCO, 1982.